

# EDITORIAL

## AINDA A CIÊNCIA, POR UMA IDA

*Everson Rach Vargas  
Camilo Venturi  
Beatriz Sancovski  
Maria Clara de Almeida Carijó  
Rafael Mendonça Dias*

O ensejo de uma volta guarda, por muitas vezes, uma vontade de re-habitar um território conhecido, já esquadrinhado. A sensação de conforto, com uma afirmação leviana de que o que se tinha estava mais adequado com o movimento da vida. Pode se ter a expectativa de que aquele território a ser, enfim, re-habitado, continuará seu bom fluxo, sendo assim puramente reapropriado e seguiremos de onde paramos. A questão pode não estar nessa vontade de voltar, mas exatamente no que se espera dela.

Há ainda uma temporalidade no período dessa vontade. Enquanto ainda não voltamos, estamos presentes naquele *estado de exceção*, já realizamos uma volta. Uma outra volta que não foi a que queríamos, mas a que foi possível e em alguma medida necessária.

No contemporâneo, a Ciência e os mais diversos procedimentos de produção de conhecimento seguem travando sua guerra por vezes não tão silenciosa. Frente a uma narrativa política encarnada por um negacionismo - que no limite incide contra o movimento próprio da vida - nos vimos abrindo mão de críticas e de crises pertinentes a partir do campo da filosofia das ciências para que pudéssemos, contingencialmente, manter o mínimo de coerência vital em nossa atualidade. Do que fizemos uso para isso?

Vimo-nos voltando a assumir uma perspectiva em que a Ciência, quando não assumida sem ser colocada em crise por uma abordagem ética, vai ser defendida publicamente em sua forma mais *cientificista*, ou seja, menos encarnada na experiência e em outras epistemologias. Isso ocorreu em função de uma articulação que se estabeleceu entre um vírus e um velho-novo modo de operar a política, fundamentalmente ancorado em um ressentimento que fortalece os dispositivos de disseminação e distribuição da morte.

Trazemos agora isso de volta à pauta a partir da constatação de que lidamos com as reverberações desse acontecimento político-viral até hoje e sem data para expirar seus efeitos. Hoje, estamos conferindo bastante visibilidade ao debate público sobre procedimentos científicos que emulam os gestos coloniais-científicos que se arrogam da posição de um poder de definição do que seria um conhecimento verdadeiro e seguro à vida, e os conhecimentos que a ameaçam. O que deve ser registrado nesse acontecimento é que, em nenhum momento, se considera para tais definições que concepção de vida estamos afirmando com eles e as que estamos descartando. Posicionamos tal valor e importância do debate atualmente seja nos discursos que fortalecem tal perspectiva científicista, seja nos discursos que emergem para se contrapor a ela.

A saída do vírus não significa a extinção de seus efeitos, ao mesmo tempo que é justamente com esses que emergem as possibilidades de re-articulação de um novo desastre político-contagante. Quem sabe possamos, agora, formular uma ida. É nesse contexto que se evidencia o exercício ético de nosso tempo em torno de que epistemologias acionamos e afirmamos na lida com a produção do conhecimento. Como afirmar uma ciência que apesar de algum coeficiente de negação da dinâmica da vida, não se formaliza como negacionista, ao mesmo tempo em que, de forma prudente, a multiplicamos acionando outros modos de conhecimento, de conhecer e de sua produção que sejam mais afinados com a potência vital e a potencializem? Nesse contexto, como permaneceremos em uma atitude política acerca da ciência mais afirmativa, do que reativa, mesmo reconhecendo os perigosos efeitos em que nos vemos na posição de arrefecer? É com esses questionamentos que abrimos esse novo volume da *Ayvu: Revista de Psicologia*.